



A RELAÇÃO DO USO E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO PELA JUVENTUDE NA CIDADE DE CHAPECÓ, SC¹

RONALDO BORIS KEMP MAIA²

INTRODUÇÃO

Os espaços públicos são parte essencial para adquirirmos o sentimento de pertencimento ao urbano, pois é nele que acontecem os encontros, as oportunidades de convivência com o diferente, as relações de interação, a impessoalidade e a sociabilização, sendo esta, importante para a troca de ideias, interação e proximidade com a heterogeneidade de culturas.

A população tem de sentir-se apropriada dos espaços públicos e à vontade para frequentá-los, e se reconhecer pertencente ao urbano, com uma ligação a cidade, e para isso, são necessárias políticas públicas que promovam boas condições para uso, incentivo e segurança na apropriação desse espaço público pelos e para os sujeitos.

OBJETIVO

O presente trabalho tem por objetivo analisar e refletir sobre os espaços públicos de apropriação da juventude na cidade de Chapecó, numa interlocução com o papel das cidades e a sociabilidade que é oportunizada em determinados lugares de caráter público.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para essa pesquisa é qualitativa e focada na identificação e observação dos espaços públicos e privados de uso coletivo e análise das práticas espaciais nesses espaços. Assim, foi feita leitura e análise das teorias, partindo para os debates e

1 Pesquisa de iniciação científica desenvolvida no âmbito do projeto “Fragmentação socioespacial e relação espaço público/espaço privado em Chapecó/SC” (Edital nº 1010/GR/UFGS/2018) sob orientação do Prof. Dr. Igor Catalão.

2 Acadêmico do Curso de Graduação em Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó. Membro do Núcleo de estudos e pesquisas sobre região, urbanização e desenvolvimento (NERUD). Email: ronaldokemp@gmail.com.



reflexões, que são essenciais para compreender o tema, e também conciliando com os trabalhos de campo, onde faz-se a apreensão da realidade local, do uso e ocupação dos espaços públicos em Chapecó. As análises de campo são os pontos de afirmação ou negativa das teorias e reflexões adquiridas e, além disso, podem abrir leques para novas percepções acerca da realidade.

RESULTADO/DISCUSSÕES

Por meio de uma reflexão teórica, o estudo demonstra os confrontos entre a população denominada conservadora e os jovens, entendendo conservadora como aquela que tem por característica a vinculação a traços colonizadores coronelistas, ditados no processo de ocupação do oeste catarinense pelos imigrantes majoritariamente de ascendência alemã e italiana vindos do Rio Grande do Sul, muitos destes ligados às empresas colonizadoras, como, por exemplo, a empresa Bertaso.

Já a população jovem que aqui espacializa suas vivências demonstra outro contexto de ocupação do espaço público chapecoense, em práticas que são identificadas pela população conservadora como improdutivas. Esses jovens compõem uma parcela da população, local e migrante, com diferentes perspectivas de vida e provindos de diversas realidades, com horizontes à formação acadêmica, que não necessariamente optam pela lógica do trabalho que aqui fora imposta e que, muitas vezes, justifica o abandono dos estudos em função de um emprego precarizado, mas remunerado.

Através da pesquisa, evidencia-se que a chegada de jovens de outros lugares na cidade tem provocado a transformação desses espaços e que tal mudança não é bem aceita pela sociedade no geral, o que pode ser fator de preocupação no que tange à questão de marginalização e exclusão dos jovens. Segundo Lefebvre (2000), as atividades sociais são cruciais para produzir o espaço de uma cidade e é nela que está o potencial para o convívio com o diferente, para produzir uma cidade assim como ser construído por ela, através de interações e experiências.

Essas atividades sociais acontecem em suma nos espaços públicos, ou teriam de acontecer, pois o público é o local de pluralidade. Na compreensão de Sobarzo (2017, p. 95), “[...] o espaço público se constitui por um tipo de propriedade e por uma possibilidade de



uso”. Seguindo a linha da propriedade, para compreendermos o público temos de relacioná-lo ao privado, sendo o público o não privado, que pode trazer interpretações de que os espaços são de todos, ou que não são de ninguém. Essa sensação de não pertencimento do público à população pode ser causada por diversos fatores, como a insegurança, o não incentivo de atividades, falta de locais apropriados e também a glamourização do privado, deixando ao público a mediocridade, fazendo com que haja diminuição na frequência dos espaços públicos.

Agora, partindo para a possibilidade de uso da escrita de Sobarzo (2017), é o sentido do comunitário, o uso e vivência, a possibilidade de encontros e desencontros que as ruas trazem, local de pluralidade, que gera comunicação e visibilidade de oposições, alinhando-se ao sentimento de pertencimento ao público.

De acordo com essa reflexão supracitada, usar e ocupar um espaço público, em certos casos, tornam-se fatores de resistência, uma vez que nem toda a cidade é pensada para acessibilidade de toda a população (como quando há privatização e seletividade de espaços e classes sociais, por exemplo). Assim, é necessário também assimilar as políticas públicas das cidades, para que saibamos com que objetivo os espaços são moldados, para quem é direcionado o incentivo e quem é reprimido pelas instituições seja com força policial ou políticas direcionadas, em como a população pensa perante as ocupações, assim como compreender quem continua ocupando os espaços e gozando de seu direito de acessibilidade.

Assim, compreende-se que o direito à cidade não está apenas relacionado às estruturas físicas, não é verticalmente estabelecido, é um processo de construção e empoderamento da população para sentir-se pertencente ao urbano (CATALÃO, MAGRINI, 2017), ou seja, o pertencimento ao urbano não é alcançado apenas com estruturas da cidade pré-estabelecidas, mas também com o incentivo de ocupação e com o sentimento semiótico de pertencimento à cidade.

CONCLUSÃO

Através da construção dessa pesquisa, percebe-se que o jovem ocupa as vias públicas e exerce um movimento de oposição ao padrão de vida dominante na cidade, que valoriza o privado, o capital, o patriarcado, a burguesia e o dito “cidadão de bem”, sendo seletivo,



repressivo e excludente com a juventude contra-hegemônica. Assim, considerando a representação de bem-estar social que os locais públicos de socialização, lazer e cultura apresentam, este trabalho, num exercício de reflexão, vem para evidenciar a importância da inserção dos jovens em tais espaços, considerando todos os movimentos migratórios e locais heterogêneos que aqui tem se estabelecido.

Apesar de Chapecó apresentar-se como uma cidade aberta, segura e que nos traz sentimentos de simplicidade, ao mesmo tempo, suas políticas públicas e a população local fazem com que a cidade não se torne tão convidativa, principalmente para a população jovem, sendo fechada no sentido dado por Sennett (2018). As cidades teriam de ser construídas e compreendidas a partir da vida que nela acontece, pois os moldes da sociedade mudam e novos sentimentos afloram vindos de novas pessoas, gerando interação e conflito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATALÃO, Igor; MAGRINI, Maria Angélica. **Insurgência, espaço público e direito à cidade**. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege). p.119-135, V.13, n.22, set./dez. 2017.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1999.

SENNETT, 2018 - completar

SOBARZO, Oscar. Espaço público. In: SPOSITO, Eliseu. **Glossário de Geografia Humana e Econômica**. São Paulo: Unesp, 2017.

Palavras-chave: Espaço público, Uso e ocupação, Juventude, Chapecó (SC).

Financiamento

Bolsista do Pro-ICT/UFFS, integrante do subprojeto de pesquisa “Fragmentação socioespacial e relação espaço público/espaço privado em Chapecó/SC”, edital nº 1010/GR/UFFS/2018.